

PREVALÊNCIA DE ALTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE MACEIÓ

Liércio Pinheiro de Araújo*

Priscila Quirino Canuto**

RESUMO: Objetivamos neste trabalho desenvolver um estudo sobre a prevalência das alterações comportamentais em crianças e adolescentes vítimas da violência familiar no Município de Maceió. Acredita-se na existência de um elevado número de vítimas provenientes de classes desfavorecidas ou de faixas etárias mais baixas. Pode haver mais casos de violência doméstica em famílias economicamente desfavorecidas ou naquelas em que o marido possui nível educacional inferior às da esposa. A pesquisa fez uso de material bibliográfico, documental e das anotações do caderno de campo, configurando-se uma perspectiva qualitativa. O campo empírico serão as entidades tidas como “portas de entrada” de casos de violência infanto-juvenil: o Centro de Apoio às Vítimas de Crime – CAV CRIME e o Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS/AL) implantado no Município de Maceió. Os dados parciais foram obtidos pela coleta em prontuários, registros de ocorrências e relatórios disponibilizados pelas instituições nos anos de 2007 a 2008. Registramos esses dados em formulário próprio segmentado por entrevistas individuais. Os inventários utilizados nas entrevistas foram os seguintes: *Trauma Symptom Checklist - 40 (TSC-40)* e *Initial Trauma Review – Revised*. As principais alterações encontradas nos sujeitos entrevistados foram sintomas relacionados a distúrbios da sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Infanto-juvenil; Abuso Sexual; Violência Familiar.

PREVALENCE OF BEHAVIORAL CHANGES IN CHILDREN AND TEENAGERS VICTIMS OF FAMILY VIOLENCE IN THE AREA OF MACEIÓ

ABSTRACT: This study aimed to develop a study on the prevalence of behavioral changes in children and teenagers victims of family violence in the area of Maceió. It is believed the existence of a large number of victims from the disadvantaged classes and lower ones. There may be more cases of domestic violence in economically disadvantaged families or those where the husband has less than the wife's educational level. The research used the field bibliographic material, documentary and diary notes, setting up a qualitative perspective. The field will be the empirical entities taken as “gateways” of violence cases for children and youth: the Support Center for Crime Victims - Criminal CAV and Reference Center for Social Assistance in (CREAS/AL) located in the area of Maceió. The partial data were obtained by collection in medical charts, records of incidents and reports provided by institutions between the years 2007 to 2008. These data were recorded in segmented forms provided by individual interviews. The inventories used in the interviews were: *Trauma Symptom Checklist - 40 (TSC-40)* and *Initial Trauma Review - Revised*. The main changes found in the subjects interviewed were symptoms related to sexuality disturbances.

KEYWORDS: Children and Youth Violence; Sexual Abuse; Family Violence.

* Doutor em Cognição; Docente da Faculdade de Ciências Humanas do Centro Universitário de Maceió – FCH / CESMAC. E-mail: lierciopinheiro@hotmail.com

** Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas do Centro Universitário de Maceió – FCH / CESMAC; Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de Estado de Alagoas - FAPEAL. E-mail: canuto_priscila@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A dimensão atual da violência doméstica pode nunca vir a ser conhecida, mas é evidente que essa violência é parte integrante da dinâmica da vida de muitas famílias, tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos. Assim, alguns estudos revelam que crianças são vítimas de homicídio, abusos sexuais e físicos, ameaçadas e humilhadas na sua própria casa por homens e mulheres que lhes deveriam merecer a maior das confianças (COHEN, 2000).

A violência familiar pode surgir em famílias de qualquer classe social. Dadas as limitações dos estudos existentes, é difícil generalizar acerca do estatuto social da vítima. Acredita-se na existência de um elevado número de vítimas provenientes de classes desfavorecidas ou de faixas etárias mais baixas. Pode haver mais casos de violência doméstica em famílias economicamente desfavorecidas ou naquelas em que o marido possui nível educacional inferior às da esposa. Tal afirmação só será corroborada com a análise dos dados coletados nesta proposta de pesquisa.

Desse modo, os objetivos da pesquisa foram os seguintes: desenvolver um estudo sobre a prevalência das alterações comportamentais em crianças e adolescentes vítimas da violência familiar no Município de Maceió; identificar as principais alterações comportamentais em crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica; levantar informações sobre as principais alterações no comportamento de acordo com os tipos de violência infanto-juvenil e compreender o perfil sócio-econômico das vítimas; traçar o perfil do agressor no Município de Maceió; compreender os procedimentos técnico-metodológicos utilizados pelas instituições responsáveis pelo registro das notificações dos casos de violência familiar contra crianças e adolescentes; fornecer informações para implementação de um sistema único para apoio psico-sócio-jurídico às famílias das vítimas de violência familiar no Município de Maceió.

2 DESENVOLVIMENTO

O termo “violência familiar” é usado para descrever as ações e omissões que ocorrem em variadas relações embora, em sentido restrito, designe os incidentes de ataque físico que pode abranger todas as violações de caráter físico e sexual, tais como empurrões, beliscões, cuspidelas, pontapés, espancamentos, murros, estrangulamento, queimaduras, agressão com objetos, esfaqueamentos, uso de água a ferver, ácido e fogo. Os resultados de tal violência física podem ir de pequenos ferimentos até a própria morte. O que começa por ser, aparentemente, um ataque de pouca gravidade pode aumentar de frequência e de intensidade.

Alguns pesquisadores utilizam os termos “violência familiar” e “violência doméstica” para abranger a violência psicológica e mental, que pode consistir em agressões verbais repetidas, perseguição, clausura e privação de recursos físicos, financeiros e pessoais e privação do contato com familiares e amigos. A violação pode tomar formas variáveis de sociedade para sociedade.

É difícil estimar a atual incidência da violência doméstica no Município de Maceió. É uma questão largamente encoberta e há poucas estatísticas disponíveis. As comunidades negam a existência do problema temendo que a sua admissão ponha em risco a integridade familiar.

As estatísticas recolhidas a partir de registros policiais e de outras fontes oficiais demonstram que a agressão contra crianças e adolescentes no Brasil é um problema real, mas não revelam a sua verdadeira dimensão. A vítima, muitas vezes, mostra-se relutante em apresentar queixa de violação: sente vergonha, receio e possui um sentimento de lealdade familiar (ARAÚJO, 2007).

Para além das consequências físicas, essas crianças sofrem de problemas psicológicos tais como ansiedade, depressão e problemas psicossomáticos em doses significativamente mais elevadas do que as que não são alvo do mesmo tipo de atos de violência e vivem em constante estado de estresse e de medo perante a agressão iminente e estão muito mais sujeitas à depressão, o que pode conduzir a taxas de suicídio mais elevadas do que as verificadas em crianças que não sofrem violência. Dessa forma, como hipótese, acredita-se que crianças e adolescentes vítimas de violência familiar apresentam alterações comportamentais e que muitas dessas alterações prevalecem durante a vida do indivíduo em forma de stress pós-traumático.

O efeito gerado pela ação de que o presenciar atos de violência pode ter sobre as crianças é alvo de muita discussão. Alguns estudos afirmam que crianças que assistem a atos de violência contra a mãe sofrem de vários distúrbios comportamentais e possuem menor capacidade de socialização do que as outras crianças.

Um estudo canadense sugere que, se durante a infância a criança presenciar uma relação conflituosa e violenta entre os pais, isso pode “potenciar” seriamente a prática de crimes graves na idade adulta (por exemplo, agressões, tentativas de violação, tentativas de homicídio, rapto e homicídio consumado). Um grande número de crianças de rua apresenta existência de violência conjugal em suas famílias (MEICHENBAUM, 1994). Antes de ser possível proferir afirmações categóricas quanto às respectivas sequelas, é necessário a realização de estudos mais sistemáticos sobre o verdadeiro efeito da violência familiar, crianças e adolescentes.

Dessa forma justifica-se este projeto de pesquisa pela necessidade de compreensão dos enormes custos pessoais da violência familiar, os custos de ordem social e econômica. Tais custos sociais incluem o estigma do núcleo familiar, o isolamento social e a dependência de grupos de apoio ou da segurança social.

A organização parcial do material foi primordial para o processo de análise, tornou-se indispensável olhar para o conjunto de documentos de forma analítica, buscando averiguar como poderia proceder para torná-lo inteligível, de acordo com o objetivo de investigar os perfis existentes nos diversos tipos de agressão. Todos os documentos foram arquivados em pastas. O critério estabelecido para tal organização foi a fonte documental. As leituras e fichamentos têm papel central nessa fase. Para cada documento foi criada uma ficha de leitura contendo resumo dos relatórios e fichas de ocorrência, além de algumas transcrições de trechos que podem ser utilizados posteriormente.

A pesquisa fez uso de material bibliográfico, documental e das anotações do caderno de campo. A mesma foi de cunho qualitativo. O campo empírico foram as entidades tidas como “*portas de entrada*” de casos de violência infanto-juvenil: o Centro de Apoio às Vítimas de Crime - CAV CRIME e o Centro de Referência Especializada em Assistência Social - CREAS/AL implantado no Município de Maceió. Foram coletadas informações sobre 18 crianças e jovens vítimas de violência familiar no município de Maceió - AL. Os dados parciais obtidos pela coleta em prontuários, registros de ocorrências e relatórios disponibilizados pelas instituições nos anos de 2007 a 2008 e foram registrados em formulário próprio segmentado por entrevistas individuais. Este recorte fez-se necessário para ser traçado um perfil dos casos registrados nas referidas instituições.

Na primeira fase utilizou-se a pesquisa documental, que se assemelha muito à pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica utiliza-se fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, enquanto a pesquisa documental utiliza-se de materiais que não receberam tratamento analítico. As fontes de pesquisa documental são mais diversificadas e dispersas do que as da pesquisa bibliográfica.

Na segunda fase foi feito um estudo de grupo com base no inventário *Initial Trauma Review – Revised*, uma entrevista semiestruturada que possibilita ao investigador avaliar a maioria das principais formas de traumas e exposição a situações de violência e permite identificar sintomas e alterações comportamentais. Logo após este estudo foi aplicado aos responsáveis pelas crianças e adolescentes vítimas de violência familiar comprovada, o inventário *Trauma Symptom Checklist - 40 (TSC-40)* que avalia aspectos do pós-stress e outros sintomas com o objetivo de iden-

tificar possíveis alterações comportamentais. Esta segunda fase do projeto teve início em dezembro de 2008 após a adequação dos referidos inventários para a realidade local.

A terceira e última fase dividiu-se em duas vertentes: na primeira foi feita uma análise quantitativa dos dados obtidos a partir da aplicação do inventário e na segunda uma análise social visando à problemática violência familiar como um todo utilizando os resultados obtidos como fonte embasadora para se chegar a uma possível conclusão.

Reproduziu-se na tabela 1 (p.182) as principais alterações encontradas em 18 (dezoito) crianças na faixa etária entre 4 e 16 anos, onde, na escala de 0 - 3, 0 representa nenhuma manifestação e 3 frequente manifestação.

Vale salientar que todas as vítimas que sofreram violência familiar relatadas nesta pesquisa sofreram algum tipo de abuso sexual, não tendo nas entidades visitadas outros registros de violência familiar que não este.

Pode-se verificar, de acordo com os dados da tabela acima, que as maiores alterações no comportamento das vítimas estão relacionadas direta ou indiretamente a sexualidade como, por exemplo, o item de número 9, onde 72,2% apresentaram desinteresse pela sexualidade, no item 21 onde 61,1% apresentaram medo de homens e no item 23 onde as vítimas não apresentam manifestação da sexualidade.

Apesar do destaque nestes comportamentos relativos à sexualidade, todos os sintomas descritos na tabela 1 são relevantes, no sentido de ajudar a identificar alguma alteração comportamental em vítimas de violência familiar, sendo ela sexual, ou não.

Relacionados com o abuso sexual de criança podem estar os maus tratos e a negligência que também sofre por parte do mesmo ou também de outros agressores; bem como o testemunho ou a assistência cotidiana à vitimação de outras pessoas do agregado familiar: mãe, avô, irmãos, etc.

Nestas situações, a compreensão ou o entendimento que deve fazer-se do problema concreto da criança jamais deve deslocar-se de uma visão mais ampla do problema global da sua família. Pois o abuso sexual contra crianças e adolescentes tem sido considerado um grave problema de saúde pública, devido aos altos índices de incidência e às sérias consequências para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da vítima e de sua família (GONÇALVES; FERREIRA, 2002; HABIGZANG; CAMINHA, 2004).

Esta forma de violência pode ser definida como qualquer contato ou interação entre uma criança ou adolescente e alguém em estágio psicossocial mais avançado do desenvolvimento, pela qual a criança ou adolescente estiver sendo usado para estimulação sexual do perpetrador. A interação sexual pode incluir toques,

Tabela 1. Initial Trauma Review – Revised

SINTOMAS		ESCALA			
		0	1	2	3
1	Cefaléia	38,8%	11,1%	33,3%	16,6%
2	Insônia (problemas para dormir)	44,4%	5,5%	16,6%	33,3%
3	Emagrecer (sem dieta)	50%	16,6%	16,6%	16,6%
4	Problemas gástricos	27,7%	27,7%	33,3%	11,1%
5	Manifestações sexuais inadequadas	72,2%	5,5%	5,5%	16,6%
6	Sensações isoladas de que outros observam seu comportamento	33,3%		22,2%	44,4%
7	“Flashbacks” (lembranças súbitas, vivas, distração da memória)	55,5%	11,1%	22,2%	11,1%
8	Sono inquieto	33,3%		27,7%	38,8%
9	Desinteresse pela sexualidade			27,7%	72,2%
10	Ataques de ansiedade	33,3%		27,7%	38,8%
11	Auto grau de manifestação da sexualidade	61,1%	22,2%	5,5%	11,1%
12	Solidão	66,6%	5,5%		27,7%
13	Pesadelos	55,5%	22,2%	22,2%	
14	Pensamento vago	50%	5,5%	16,6%	27,7%
15	Tristeza	11,1%	22,2%	50%	16,6%
16	Tonturas	66,6%	16,6%	16,6%	
17	Repulsa pela sexualidade	55,5%	11,1%	5,5%	27,7%
18	Problemas para controlar seu humor	16,6%	27,7%	22,2%	33,3%
19	Acorda-se de manhã cedo e não consegue voltar a dormir	72,2%	5,5%	11,1%	11,1%
20	Choro incontrolável	50%		11,1%	38,8%
21	Medo de homens	27,7%		11,1%	61,1%
22	Acorda com a sensação de que não descansou	50%	5,5%	33,3%	11,1%
23	Não apresenta manifestação da sexualidade	33,3%		16,6%	50%
24	Possui problemas frequentes com outras pessoas	55,5%	16,6%	22,2%	5,5%
25	Problemas de memória	72,2%	11,1%	11,1%	5,5%
26	Vontade de se machucar fisicamente	72,2%	11,1%	16,6%	
27	Medo de mulheres	94,4%			5,5%
28	Acorda com frequência no meio da noite	55,5%	11,1%	16,6%	16,6%
29	Maus pensamentos ou sentimentos em relação a homens e mulheres	61,1%	5,5%	16,6%	16,6%
30	Sensação de ausência	55,5%	22,2%	16,6%	5,5%
31	Sensação de que as coisas estão “irreais”	66,6%	27,7%	16,6%	5,5%
32	Necessidade de lavagens frequentes (excesso) ou desnecessários	55,5%	16,6%	16,6%	11,1%
33	Sentimento de inferioridade	72,2%	5,5%	16,6%	5,5%
34	Sensação tensa o tempo todo	66,6%	16,6%	5,5%	11,1%
35	Estar confuso sobre seus sentimentos ou sensações sexuais	83,3%	5,5%	5,5%	5,5%
36	Desejo de ferir outras pessoas fisicamente	66,6%	16,6%	5,5%	11,1%
37	Sentimento de culpa	77,7%		5,5%	16,6%
38	Sentimentos que você não está sempre no seu corpo	88,8%			11,1%
39	Tendo dificuldade de respirar	77,7%		11,1%	11,1%
40	Sentimentos sexuais quando você não deveria tê-los (fantasias, desejos...)	88,8%		5,5%	5,5%

carícias, sexo oral ou relações com penetração (digital, genital ou anal). O abuso sexual também inclui situações nas quais não há contato físico, tais como *voyerismo*, assédio e exibicionismo.

O abuso sexual também pode ser definido, de acordo com o contexto de ocorrência, em diferentes categorias. Fora do am-

biente familiar, o abuso sexual pode ocorrer em situações nas quais crianças e adolescentes são envolvidos em pornografia e exploração sexual (AMAZARRAY; KOLLER, 1998). No entanto, a maioria dos abusos sexuais cometidos contra crianças e adolescentes ocorrem dentro de casa e são perpetrados por pessoas

próximas, que desempenham papel de cuidador delas. Nesses casos os abusos são denominados intrafamiliares ou incestuosos (BRAUN, 2002). Dessa forma, as relações sexuais, mesmo sem laços de consanguinidade, envolvendo uma criança e um adulto responsável (tutor, cuidador, membro da família ou familiar à criança) são consideradas incestuosas. Isto inclui madrastas, padrastos, tutores, meio-irmãos, avós e até namorados ou companheiros que morem junto com o pai ou a mãe, caso eles assumam a função de cuidadores.

A familiaridade entre a criança e o abusador envolve fortes laços afetivos, tanto positivos quanto negativos, colaborando para que os abusos sexuais incestuosos possuam maior impacto cognitivo e comportamental para a criança e sua família (FURNISS, 1993). Os profissionais que se ocupam das crianças são frequentemente solicitados a intervir nestas situações e é urgente que se transformem as suas práticas, reconhecendo o silêncio a que estão votadas as crianças vítimas de abuso sexual. Isto porque se trata de um fenômeno caracterizado pela vergonha individual (a da criança), pela ausência de vergonha mentalizada (a do abusador) e pela vergonha social (a da comunidade), numa verdadeira cumplicidade de silêncios (GABEL, 1997).

Deve-se, ainda, constatar que, apesar de existir ainda grande dificuldade em reconhecer situações de abuso sexual de crianças e suas alterações comportamentais, os profissionais de saúde estão hoje mais atentos a este fenômeno. Se aliarmos a este aspecto, a dificuldade em detectar e caracterizar as consequências psicológicas do abuso pela sua diversidade, a intervenção com estas vítimas torna-se uma tarefa bastante difícil para os profissionais.

Sabe-se que a criança vítima de abusos sexuais tem uma necessidade fundamental de ser acreditada e por isso é fundamental o papel dos psicólogos e da sociedade em conhecer e compreender o fenômeno em toda a sua complexidade. Por isso a criança não deve ser deixada sozinha, da mesma maneira que os próprios técnicos também o não deverão fazer, pois é pela possibilidade de falar do sucedido e de refletir com outros, no seio da sua equipe ou de um grupo de discussão, que eventualmente serão encontradas algumas respostas para esse crime.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O baixo número de crianças e adolescentes pesquisados refere-se a dificuldades encontradas pelos pesquisadores na execução da atividade de campo. Entre elas: falta de acessibilidade aos dados; falta de meio de transporte quando os pesquisadores tinham que se deslocar a residência da vítima para executar a pesquisa sendo-os proibidos, visando à segurança dos mesmos, de

fazer uso de carro particular; e o não comparecimento dos usuários nas instituições nos dias pré-estabelecidos pelas instituições.

Utilizando o Initial Trauma Review – Revised conseguimos conhecer e compreender as manifestações da violência contra crianças e adolescentes e seus efeitos no comportamento da vítima e os resultados poderão auxiliar no levantamento de diretrizes para a elaboração de políticas públicas mais eficazes de enfrentamento ao fenômeno investigado.

REFERÊNCIAS

- AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Revista de Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 3, p. 546-555, 1998.
- ARAÚJO, L. P. Estudos atuais sobre violência na família. **Revista de Psicologia: Ciência, Consciência e Humanismo**, v. 3, n. 1, p. 53-67, 2007.
- BRAUN, S. **A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo**. Porto Alegre, RS: Age, 2002.
- COHEN, C. O incesto. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. (Org.). **Infância e violência doméstica: Fronteiras do conhecimento**. São Paulo, SP: Editora Cortez, 2000. p. 211-225.
- GABEL, M. **Crianças vítimas de abuso sexual**. São Paulo, SP: Summus, 1997.
- FURNISS, T. **Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993.
- GONÇALVES, H. S.; FERREIRA, A. L. A notificação da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes por profissionais da saúde. **Caderno de Saúde Pública**, v. 18, n. 1, p. 315-319, 2002.
- HABIGZANG, L. F.; CAMINHA, R. M. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Conceituação e intervenção clínica**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2004.
- MEICHENBAUM, V. **Epidemiologia Crítica em casos de violência familiar**. São Paulo, SP: Summus, 1994.

Recebido em: 30 Junho 2009
Aceito em: 09 Novembro 2008